

A privatização da responsabilidade pública

Adriana Marcondes Machado

Logo no primeiro contato, Helena nos contou, com bastante emoção, de um dia em que foi à escola para tomar conhecimento de reclamações a respeito de seu filho Paulo, de 15 anos, aluno da 8ª série numa escola pública. Ao ouvir a professora chamá-lo de “líder de gangue”, Helena, muito aflita, agrediu-o na frente de várias educadoras. A depositação nos pais da responsabilidade do que acontece na escola com seus filhos, foi o tema central de nosso encontro.

Durante a entrevista, mãe e filho contam situações que revelam a força do discurso que atribui os problemas no processo de escolarização a causas individuais. Nossas tentativas de problematizar essa concepção, questionando, por exemplo, a falta de interesse do aluno em relação às coisas da escola como um dos fatores que produzem indisciplina, tiveram resultados contraditórios. Se em alguns momentos foi possível pensar com Helena e Paulo algumas práticas escolares responsáveis pelo fracasso escolar – como, por exemplo, as substituições de professores sem nenhuma continuidade no conteúdo ministrado – em muitos outros, os argumentos que culpabilizam individualmente as crianças e os jovens pelo fracasso escolar e pelas atitudes de indisciplina impregnaram as opiniões.

A palavra “bagunça” foi utilizada muitas vezes por Paulo. Em sua fala, a bagunça é causa dos problemas de aprendizagem e de disciplina, não tem relação com as práticas cotidianas da escola e precisa ser contida por ações individuais. Existem muitas aulas vagas sem professor, mas para Paulo a bagunça nesses horários deve-se à impossibilidade de utilizar a quadra de esportes e não à falta de professores. Paulo refere-se à prática frequente, pelos profissionais da escola, de ameaças e de punição pela retirada de coisas que os alunos gostam, como futebol e festas. Ele concorda que é isso que se deve fazer para que um aluno preste mais atenção nas aulas, pois assim cria-se o medo de ficar sem diploma, e acredita que deveres não têm relação com direitos, mas com punição. Paulo explica: “o limite para parar de ficar bagunçando é ter que tirar nota”.

Nos cursos e projetos que Paulo frequenta fora da escola, a “bagunça” não acontece. Paulo justifica: “é que lá tem coisa que a gente não quer perder”. O interesse e o sentido estão, portanto, em territórios extra-escolares. Como diz Helena, “nunca foi ninguém em minha casa reclamar do Paula no Clube Esportivo da Universidade de São Paulo”.

Paulo relata situações em que os alunos não são escutados. Nessas circunstâncias sente-se injustiçado. Quando ocorrem cenas nas quais Paulo se opõe de alguma forma à injustiça, ele tem que descer para “pegar uma ocorrência lá embaixo”, com a diretora. Essas práticas reforçam a função disciplinadora da instituição.

A condição financeira dos alunos atravessa também o cotidiano escolar. Há chamadas nas quais a professora divulga o nome dos que pagaram e dos que não pagaram um certo valor para comprar um livro, sem consideração pelos efeitos subjetivos dessas práticas. Da mesma forma, acusar Paulo de ser líder de gangue desconsidera a aflição e a impotência que a acusação produz em um território no qual liderar uma gangue carrega significados muito negativos. Helena diz: “Na escola falaram que se eu não tivesse dando conta dele em casa, e se a escola não tivesse dando conta também, iriam encaminhar o Paulo para o Conselho Tutelar”. Em continuidade com esta lógica Helena pondera: “Conselho Tutelar não dá conta de nada! Vai pra onde? FEBEM direto, né, minha filha? Então você imagina, eu ouvindo tudo isso, ele do meu lado, qual seria minha reação, entendeu?”

Helena conta que Paulo, quando pequeno, “pagava” pelas brigas entre ela e o marido e apanhava muito. Ela esforçou-se para mudar, pediu ajuda, estudou, foi atendida por profissionais da saúde, conseguiu produzir diferenças em um terreno bastante endurecido. Hoje age diferentemente com seus filhos e é respeitada em seu trabalho em uma cooperativa. Formou-se na escola em que Paulo estuda, onde é querida e valorizada pelas educadoras. Mas, quando as professoras a chamaram para contar que Paulo liderava uma gangue e “falavam que era por causa de casa”, convocaram-na para um lugar de fracasso, desvalorizaram sua luta e anularam sua força. Ao bater em Paulo, denunciou o sentimento de impotência e os efeitos subjetivos devastadores da atribuição, pelos educadores, aos usuários da escola pública do que é, na verdade, produção coletiva do sistema escolar.

Entrevista com dois usuários da escola pública fundamental: um aluno e sua mãe

“Está acontecendo alguma coisa na sua casa?”

Paulo – Eu estudo desde a 1ª série na mesma escola. Da 1ª à 5ª série eu estava bem na escola, aí eu relaxei um pouco...

– Da 1ª à 5ª séries você estava bem?

Paulo – Isso. Daí comecei a bagunçar. Aí minha mãe começou a ser chamada mais na escola. Conversava comigo. Aí vinha bronca e tal e a professora falava... aí eu dei uma parada. Agora eu só converso e elas ainda acham que eu sou bagunceiro.

Helena – É, aí me chamavam nas reuniões. Chegava em casa, conversava com ele, brigava com ele. Até o dia que eu perdi a cabeça e bati nele na escola. Foi no ano passado, né, Paulo?

Paulo – No ano passado, a professora chegou a falar pra minha mãe que eu era o chefe da... dos *gangsters*. Isso é um pouco chato, né? Mas assim, que nem agora na escola tem os psicólogos lá e, às vezes, você desce, eles conversam com você e tal... falam: “Ah, não vou chamar sua mãe dessa vez, vou ficar te observando”, aí você compreende se eles conversam com você.

Helena – Aí ele parou a bagunça, entendeu? Mas aí vem um filho de Deus, um menino, e fura ele com o compasso. Daí, o que ele fez? Ele bateu no moleque de soco, de pontapé. Aí a diretora me chamou e falou: “Eu só não vou expulsar seu filho da escola porque eu conheço vocês, sei que a educação na sua casa é diferente do que ele anda fazendo aqui na escola. Senão, eu ia expulsar seu filho da escola”. Foi isso que ela falou pra mim, entendeu?

Paulo – A professora não me ouvia.

– E o que você dizia?

Paulo – Assim: tudo bem, eu sou bagunceiro e tal, agito a bagunça, mas de vez em quando a professora também tem de chamar a atenção daquela pessoa zoando, e não sempre de você. Fica só tratando como incapaz, dá suspensão e tira nota.

– *Mas você ficou com essa marca: aquele que é da bagunça.*

Paulo – Na sala tem assim: lugares mais bagunceiros... onde ficam aqueles grupinhos, né? A professora, de vez em quando troca de lugar. Ela combina com os outros professores: “Bom, nessa semana, de hoje em diante, você vai neste lugar pra não ficar junto com os outros, pra você não bagunçar ou então não mexer com os outros”, né? Aí muda um pouco, aí você conversa com outra pessoa.

Helena – Mas quando a bagunça continua, a professora chama a mãe.

Paulo – A escola tirou algumas coisas que tinha... Futebol na quadra na hora do intervalo. Tiraram por motivo de bagunça. Às vezes os alunos quebram os computadores. Tem gente que vai no computador pra fazer trabalho, tem gente que vai só para fazer desenho e bagunçar.

Helena – Já está chegando a uma certa violência, tem uns que quebram o computador, eles se machucam. Porque eu vi como ele chegou em casa um dia com as costas arrebentadas por causa de um moleque. Aí o que aconteceu? Bate no colega fora da escola. O que eu falei para ele: “E se você tivesse matado aquele moleque?” Você entendeu? Porque do jeito que o moleque ficou! É que você não viu o moleque! Ele podia ter matado aquele moleque!! Se acontecesse de dar um soco num lugar errado, o moleque tivesse morrido, eles estavam na FEBEM. Eu estava sofrendo, você entendeu?

Paulo – Às vezes você nem está bagunçando, mas pelo motivo de você chegar na escola conhecido como bagunceiro e tal... as pessoas já começam a dar apelidinho, fazer provocação. Aí começa “Ah, vou te pegar amanhã” e tal, né? “Melhor você não vir para escola senão eu vou te pegar”. Aí começa, aí desce lá embaixo para pegar ocorrência. Os professores te chamam, dão uma dura lá embaixo, dão um sermão. Aí falam: se você não parar, vou chamar sua mãe”.

– *Eu fico pensando: o que será que produz essa bagunça?*

Paulo – Ah, não sei, às vezes é por você morar na favela, no morro. Ficam te zoando.

Helena – Daí, quando tem bagunça, chamam os pais e a primeira coisa que eles perguntam é se tem algum problema em casa. “Está acontecendo alguma coisa em casa?” Era isso que perguntavam para mim, não foi Paulo? Eu falei: “Não! Ele é um bom menino em casa. Ele é um bom menino no CEPEUSP” [Clube da Universidade de São Paulo]. Nunca foi ninguém na minha casa reclamar do Paulo lá do CEPEUSP.

Nem os professores, nem os psicólogos, nem ninguém, entendeu? Ele faz um curso de computação que termina agora esse mês. A última parcela pagamos hoje graças a Deus. Ufa! Nem acreditei. Lá nunca teve reclamação, eu fui lá eu trouxe o boletim dele, porque de tanto eu falar que ele era bagunceiro na escola, lá no serviço, eu queria mostrar o dia que ele tirou nota dez, porque lá no curso de computação ele só tira dez. Ele não é o mesmo que está na escola.

– *Na escola parece que as coisas são diferentes do que no curso de computação.*

Paulo – Meu interesse na escola é... nota.

– *É nota?*

Paulo – Tem que ter algum limite para você parar de ficar bagunçando. Também tem que fazer prova, deixar as matérias em ordem. A diretora falou que se eu não parasse eu ia ser expulso da escola.

– *Você fala como se só a ameaça de não ter nota, de ser expulso e ter advertência é que funcionasse.*

Helena – *É, ameaça! É, ele só para porque tem uma ameaça.*

– *O que faria uma pessoa parar de falar numa sala de aula?*

Paulo – Prestar mais atenção na aula.

– *Mas para quê? Quando ela tomaria essa decisão sem ser por ameaça?*

Paulo – Hãmm... acho que é assim: porque na escola acho que ela pensaria assim: se eu não estudar, eu vou ficar retido, e tal, esse ano.

– *Isso é ameaça.*

Paulo – Mas... acho que é assim: se interessar mais na aula e tal.

– *Será que a bagunça não é um sinal de que não se está tendo interesse nas coisas de escola? Como é que está você na 8ª série? O que tem aprendido?*

Paulo – Tem matéria que eu estou entendendo. Agora estou zoando menos, tem a comissão de formatura. Vou às reuniões. Eu estou parando de bagunçar. As professoras falam: “Sua mãe é batalhadora, vê se se esforça mais”. Aí você fica pensando naquilo, né? Você chega em casa vê sua mãe chegar tarde, cansada do trabalho, e você só bagunçando, aí você tem que raciocinar um pouco e tentar parar um pouco.

Helena – A única com quem ele conversa sou eu, entendeu?

Paulo – Às vezes você fica até chateado, a professora sempre fala: “Lá fora é bem mais difícil do que aqui”. Então você pensa, que nem o caso do meu pai, ele não tem um grau de estudo. Ele só tem até a 4ª série. Fica nervoso. Para arrumar trabalho fica até meio chato. Eu também, já era para eu estar no 1º ano do ensino médio. Fica um pouco chato você com 16, 17 anos, sem aquele estudo que você precisa para arrumar um emprego.

– *E como é esse estudo que precisa para arrumar um emprego?*

Helena – Acho que falta muita coisa ainda na aprendizagem do Paulo. Ele estuda só para tirar nota e ter diploma.

Paulo – Porque até o ano passado eu não estava interessado em nada, agora eu parei um pouco, eu estou me interessando um pouco mais pelas matérias. No ano passado, só tive nota vermelha.

– *Como você passou?*

Paulo – Porque todos passam. É a progressão¹.

Helena – A escola tem que incentivar. Na escola eu fazia teatro, eu parei. Eu fazia dança e parei também. Era bom. Agora eu quero fazer mais cursos. No Brasil que nós vivemos hoje, está precisando, né? Mesmo que você tenha o 2º grau completo, não tem emprego. O diploma não garante. Assim... porque... se você for fazer uma ficha depende da sua letra. Eu acho que poderia ser melhor na escola, poderiam dar mais, a 8ª série poderia dar mais coisa, poderia exigir mais, poderia fazer eles pensarem mais, né?

Paulo – Que nem essa professora de ciências, ela é nova, né? O nome dela é Teresinha. Ela passou uma prova completamente doida. (risos)

Helena – Como é que é?

Paulo – A sala tava numa bagunça geral. Ela falou: “Eu vou dar prova hoje, não quero saber”. Daí ela começou a falar: “Vou passar na lousa se a sala inteira ficar quieta”. Aí todo mundo ficou quieto e ela não passou. Começou a ditar rápido. Eu cheguei nela e falei: “Professora, você não vai passar na lousa?”. Ela disse: “Não, só quando a sala ficar quieta”. Peguei, falei: “A sala ficou quieta, professora, por que você não passou?”. Ela pegou e falou “Vá fazer!”. Eu falei: “Também não vou fazer, né? Não sou obrigado a fazer se você também não quer passar na lousa”. Ela mandou eu e meu colega descer e pegar uma ocorrência lá embaixo. A prova era doida, de matéria que não tinha sido dada. Ela falou que ia cair coisas

¹ Refere-se à progressão continuada.

das outras professoras que tinham ido embora e que tinham passado no começo do ano. No começo do ano, deram o livro para gente e chegou a primeira professora. Ela foi embora e a segunda professora trocou o livro. A gente não sabia direito qual era a matéria, porque a segunda professora passou outra matéria e trocou o livro. Daí, chegou essa terceira professora e falou que ia passar essa prova completamente louca.

Helena – Mudou muita gente dessa escola. A diretora também mudou. Eu acho que o outro pessoal era melhor.

Paulo – Saiu todo mundo, tinha até dentista na escola. Acabou.

Helena – Tinha dentista, tinha tratamento com o posto, de bronquite, tinha tudo. Tinha passeios...

– *Parou por quê?*

Paulo – É motivo da bagunça mesmo, elas falam. Agora vai ter a festa junina que a gente arrecada dinheiro para a Casa de Criança com AIDS. Nós fazíamos bingo às vezes. Nem era para doar, a gente fazia mesmo para arrumar os computadores, né? Também para pintar, reformar o prédio. Também tinha a APM [Associação de Pais e Mestres], a gente todo mês pagava, durante todo o ano. Você dava o tanto que você podia. Aí, tipo assim: acabava seu caderno hoje, você podia ir lá embaixo, e pegava outro, e tal. Aí, isso foi começando a complicar. Dava o dinheiro da APM, tal, só que pra você pegar um caderno, você tinha que ter autorização do professor. Ele tinha que autorizar você pegar, porque começou a ter bagunça, né? Todo mundo descia, pegava, tal, né? A escola começou a ter um controle. Veio esse ano, nunca mais. Parou. Todo mundo tem o direito de pegar um caderno, mas pagando a APM. Tem gente que dá o dobro ou menos do que você. Às vezes tem gente que tem mais condições do que você, paga APM, né? E tem gente que vai lá, pega sempre as coisas mesmo sem estar precisando, e aquele que está precisando, fica sem direito.

– *Quer dizer, uma escola pública que dá prioridade para aqueles que têm dinheiro.*

Helena – Ah, você tem o exemplo lá da professora que diz ter pedido um real...

Paulo – Era para gente comprar um livro. Todo ano, as oitavas séries dão um real, e esse livro vai ficando para quem vem chegando. E ela tava querendo um real para comprar um livro. Na sala quase ninguém pagou, e eu ia pagar. Minha mãe não tinha condições de me dar e meu tio falou: “Tem

um serviço lá, eu vou te levar para você me ajudar. É uma marcenaria que nós estamos fazendo”. Eu recebi o dinheiro, mas eu não quis pagar. Aí, a professora começou a falar que quase ninguém pagou. Ela falava número da chamada e se tinha ou não pago. Não paguei. Que nem no ano passado, a professora queria cinco reais para comprar estêncil, a gente precisava levar. Ela comprava estêncil, folha de sulfite, tal, mas quando era dia de prova, a gente arrancava folha do caderno para fazer prova. Comecei a reclamar, desci lá embaixo...

– Vocês contaram um monte de coisas. Há situações em que a escola foi acolhedora, há situações em que o pessoal da escola responsabilizou a família por uma coisa que a escola não estava dando conta.

Helena – Teve um dia que eu não aguentei. Bati nele quando me falaram que ele era líder de gangue. Depois, ele me contou que na hora que isso aconteceu, ele olhou para a cara da professora e resolveu engolir o choro para não mostrar para ela o que ele estava sentindo.

Paulo – Ela falava mal de mim direto. Aí minha mãe me deu um tapa na frente dela. Chorar na frente dela seria uma vitória para ela. Então eu peguei e segurei, fiquei na minha. Aí, como tentar melhorar já no final do ano? Não tem como.

Helena – Ele ficou repondo aulas, fazendo aulas de reforço. Eu falei para ele: “Olha, Paulo, tudo isso que você está passando, está doendo mais em mim do que em você”, porque o Rafael [outro filho de Helena] foi viajar, o Eduardo [marido de Helena] foi viajar, ficou só eu, ele e minha filha mais nova em casa nas férias. A gente podia ter aproveitado muito mais, porque meu marido tinha sido mandado embora. A gente foi viajar e ficamos 12 dias viajando e a gente podia ter ficado muito mais. A gente podia ter aproveitado muito mais, porque demorou um ano sem ver minha mãe, o tempo que eu tinha para ficar mais tempo com ela.

– Você se lembra muito dessa história não é, Helena? A gente conversou disso lá na cooperativa, depois um outro dia, e agora hoje.

Helena – Foi uma cena horrível (chora). Não era isso que eu queria, não era bater. Minha reação foi essa, bater nele. A maneira que ela falou. Ela chegou assim, pra mim e pra ele, e falou: “olha, para dizer a verdade, seu filho, ele é o líder, ele é o *gangster*, ele domina a classe”. Meu!!! No meio de quarenta e poucos alunos, um aluno só fazer tudo isso, oito professores falarem a mesma coisa: que teu filho não presta, que teu filho não se comporta, teu filho é bagunceiro. Oito professores, mais a diretora e a super-

visora, entendeu? Professores que foram meus professores, que quando me encontram na escola – ele está de prova – eles vêm pra cima de mim, eles querer falar comigo, eles querem me ver, querem me beijar, querem me abraçar. Você entendeu? Estavam todas ali na hora e falavam que era por causa de casa. Eu não sei o que me levou a bater nele na hora, porque eu nem olhei para ele, você entendeu? Ela falou isso, isso, isso, isso, e eu assim, olhando para ela, a reação que eu tive foi só bater. Aí quando eu bati nele, ela não falou mais nada. Ela ficou calada, e os outros professores falavam: “Mãe, mas não é isso que a gente quer, a gente não quer que a senhora bata nele”. Não foi assim, Paulo? “Tá louca, mãe” – elas falavam – “não pode fazer isso!” A minha professora de história, a japonesinha, que hoje é professora dele também, ela só colocou a mão aqui... assim no meu ombro, como se dissesse: “Calma!” Tiraram o Paulo da sala, não foi? Levaram para fora, acho que foi isso que fizeram, nem lembro mais. Eu fiquei lá sentada ouvindo os outros professores falarem, falarem, falarem. Deu aquele nó na garganta, né? Se eu tivesse chorado, tudo bem, mas eu não chorei. Ficou só aquele nó, aquela coisa. Eu ouvi tudo e falei: “Terminaram!” Eu abri a porta e saí, fui embora, falei para ele: “Quando você chegar em casa, você me paga”. Foi isso que eu falei para você? [pergunta ao Paulo]. Na escola, falaram que se eu... se eu não estivesse dando conta dele em casa e se a escola não estivesse dando conta, que iam encaminhar ele para o Conselho Tutelar, não foi isso, Paulo? Foi isso que elas me disseram. Conselho Tutelar não dá conta de nada. Vai para onde? FEBEM! Direto, né, minha filha? (silêncio) Então você imagina, eu ouvindo tudo isso, ele do meu lado, qual seria a reação de uma mãe?

Entrevistadora: Adriana Marcondes Machado